

CINEIATE 28/05/2026

**Nuremberg** de James Vanderbilt  
por Marcia Mazo

O filme não aposta em espetáculo, ele aposta em algo mais desconfortável: a percepção de que qualquer sociedade pode repetir erros quando abre mão da responsabilidade individual. O perigo não está apenas em monstros, mas em pessoas comuns que deixam de pensar criticamente.

Göring inteligente e arrogante, contrastava com o perfil burocrático de Eichmann julgado em Jerusalém em 1961, ambos faziam parte do mesmo sistema totalitário.

O psiquiatra de Göring observou uma mente carismática, porém narcisista e cruel.

Os Julgamentos de Nuremberg (1945–1946) foram organizados pelos países vencedores da Segunda Guerra Mundial para julgar líderes nazistas por crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio. Pela primeira vez, o mundo tentou responsabilizar juridicamente dirigentes de um Estado por atrocidades cometidas “legalmente” dentro do próprio regime nazista.

Hannah Arendt, cobrindo o julgamento de Adolf Eichmann em 1961 para a *New Yorker*, cunhou o conceito de "banalidade do mal". Ela observou que criminosos nazistas, como Göring e Eichmann, não eram monstros sádicos, mas burocratas medíocres que agiam sem refletir, cumprindo ordens. Essa omissão do pensamento e a obediência cega permitiram a destruição em massa.  
[https://www.youtube.com/watch?v=38ZKvPbD\\_ek](https://www.youtube.com/watch?v=38ZKvPbD_ek)

Principais pontos sobre Arendt e os criminosos de guerra:

- Banalidade do Mal: Arendt argumentou que o mal extremo, como o Holocausto, pode ser cometido por pessoas comuns ("banal") que abdicam da sua capacidade de pensar e julgar, tornando-se apenas "engrenagens" na máquina burocrática nazista.
- Caso Adolf Eichmann: Ao observar o julgamento de Eichmann, um dos organizadores do transporte para os campos de extermínio, Arendt não encontrou um "monstro" perverso, mas um homem assustadoramente normal que se via apenas como um funcionário obediente cumprindo ordens.
- O Perigo da Obscenidade: A maior crítica de Arendt foi a incapacidade de Eichmann de pensar criticamente sobre suas próprias ações. Para ela, essa falta de reflexão, mais do que o ódio, foi o que tornou os crimes possíveis.
- Polêmica: Suas observações foram controversas, pois muitos esperavam um retrato de maldade absoluta. Arendt foi acusada de subestimar a culpa de Eichmann, embora ela tenha reconhecido a gravidade de seus crimes, focando na forma como eles foram cometidos.

- Consequência: Arendt alertou que a "banalidade do mal" não é exclusiva do nazismo, mas um risco contínuo em sociedades burocratizadas, onde indivíduos se eximem de responsabilidade pessoal por meio da obediência.

A análise de Arendt continua sendo um chamado ao exercício constante do pensamento crítico e à responsabilidade moral individual. A percepção de que qualquer sociedade pode repetir erros quando abre mão da responsabilidade individual.

Para Hannah Arendt, o maior perigo político não era apenas a existência de pessoas perversas, mas sociedades em que:

- ninguém pensa por si;
- todos obedecem automaticamente;
- a burocracia substitui a consciência moral.

<https://www.youtube.com/shorts/Lj1cfxG-vxU>

Suas obras continuam atuais em debates sobre autoritarismo, violência de Estado e responsabilidade individual.

Livros de Hannah Arendt sobre os julgamentos de guerra: Eichmann em Jerusalém, Origens do totalitarismo, A condição humana.